

**“EDUCAÇÃO EM MUDANÇAS: RASTROS
E CAMINHOS EM TEMPOS
PANDÊMICOS”**

INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO:

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Ana Paula Benetti Machado
Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 3 - Educação, Trabalho e Emancipação

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica focalizada no campo teórico-metodológico para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa de mestrado em Educação sobre experiências de internacionalização do currículo através de narrativas de memórias de formação e saberes interculturais de estudantes de um curso superior tecnológico. Nesse sentido, objetivo explicitar algumas estratégias de internacionalização do ensino superior, dentre elas a internacionalização do currículo (IoC), a mobilidade acadêmica e a internacionalização em casa (IaH), bem como suas concepções e finalidades.

Com o avanço do paradigma da globalização (SANTOS, 2000) e da Sociedade do Conhecimento (DUARTE, 2008), a educação vem sendo, paulatinamente, compelida a modificar suas políticas, seus processos, terminologias, práticas pedagógicas, modos de fazer e ser. Especialmente, a partir da década de 1990, o mercado de trabalho passou a requerer um novo padrão de trabalhadores e trabalhadoras e, por consequência, o sistema educacional brasileiro passa também por diversas transformações basilares e de seu papel perante à sociedade. (GUIMARÃES; SILVA, 2010).

No que diz respeito ao ensino superior, isto fica evidente a partir da grande expansão do Ensino Profissional e Tecnológico Superior, da ampliação da internacionalização do ensino superior, bem como da inserção da discussão acerca do desenvolvimento de competências nas bases curriculares, no final do século XX. Assim a internacionalização do ensino superior surge como um importante elemento no avanço estratégico das instituições universitárias, com o propósito de amplificar a geração de conhecimento, melhorar seus processos e procedimentos, desenvolver ciência, inovação e tecnologia, mas também com vistas à formação de cidadãos éticos e solidários para a construção de uma sociedade mais equitativa e empática. (SOUZA, 2018).

Os estudos revelam a interdisciplinaridade assumida pela internacionalização da educação superior, tendo em vista que é abraçada por diversas áreas do conhecimento, mas com maior profusão pelas ciências humanas e sociais aplicadas. Isso, de certa forma, explicaria o porquê de sua conceituação ser carregada de polissemias e complexidades. No entanto, diante de inúmeras concepções, a mais difundida é a preconizada por Jane Knight (2004, p. 2) onde a “internacionalização em nível nacional, setorial e institucional é definida como o processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária.”

Cabe salientar que a internacionalização sempre esteve presente nas universidades, ainda que de maneira mais centralizada “na função pesquisa, apoiada na autonomia do pesquisador”. (MOROSINI, 2006, p. 108). Mas com o fenômeno da globalização e da Sociedade do Conhecimento ela estende-se fortemente à função ensino. No entanto, é importante esclarecer que um processo de internacionalização autêntico “deve diferenciar-se da globalização, pois embora estejam associados, o primeiro fundamenta-se nas relações sociais, culturais e institucionais, enquanto que o segundo pauta-se pelas ideias de competitividade e desenvolvimento econômico.” (SOUZA, 2018, p. 28).

Dentro deste cenário globalizado, as instituições de ensino superior internacional no Brasil e no exterior se apoiaram, inicialmente, nas estratégias de mobilidade acadêmica com o intuito de firmar parcerias interinstitucionais, visando promover um ambiente intercultural, possibilitar a troca de saberes tecnológicos, dentre outros. Neste sentido, a mobilidade acadêmica, focada na troca entre pessoas, programas, projetos/serviços e políticas de instituições universitárias, foi um dos pilares da consolidação da internacionalização.

De acordo com Cowen (2009), a mobilidade acadêmica está diretamente ligada à ideia de transferência para outro lugar em busca de troca. Por isso a mobilidade não deve(ria) ser calcada em ligações díspares de poder e domínio, sejam elas reais ou simbólicas, porém, sim em trocas e debates entre iguais, incluindo aí não só os sujeitos, mas também os programas e as instituições, em uma perspectiva de internacionalização. Logo, a mobilidade deve ainda possibilitar ao estudante experiências de formação internacional, como aprender uma segunda língua, formar redes de contatos, conhecer novos métodos de ensino e novas práticas, ter acesso a novos equipamentos, conhecer novas culturas e costumes, desenvolver-se pessoalmente em termos flexibilidade, autoconfiança e valores. (SADLAK, 1998).

Com o passar dos últimos anos ficou evidente que a mobilidade acadêmica, apesar de importante, é também considerada insuficiente para a internacionalização das instituições de ensino superior, visto que poucos alunos e alunas têm a possibilidade de acesso a bolsas de estudos ou de arcar com os custos de um intercâmbio. Sendo assim, atualmente, a internacionalização não pode ser compreendida e/ou somente atrelada, como foi inicialmente, às práticas de mobilidade acadêmica pois, conforme Morosini (2019, p. 19), já “está provado que a mobilidade é fator importante, mas insuficiente para internacionalizar uma universidade.”

A partir desta perspectiva, surgem novas estratégias de internacionalização para diminuir possíveis lacunas e carências, dentre elas a internacionalização do currículo (IoC), que abarca não só a mobilidade acadêmica, mas também a internacionalização em casa (IaH).

Tratando mais especificamente sobre a Internacionalização do Currículo (IoC), Morosini (2019) afirma que esse modelo é uma das estratégias mais recentes de internacionalização do ensino superior e revela que sua conceituação também é polissêmica. A autora (2019) argumenta que os estudos da professora e pesquisadora australiana Betty Leask são referências, em nível internacional, acerca do tema, especialmente para a área da educação. Portanto, para Leask (2015, p. 9) a internacionalização do currículo é designada como “a incorporação das dimensões internacional, intercultural e/ou global nos conteúdos curriculares assim como nos resultados de aprendizagem, avaliações, métodos de ensino e serviços de apoio de um programa de estudos.” Logo, convém destacar que a internacionalização do currículo se trata de um processo ligado às políticas e às práticas institucionais, mas especialmente centrado na aprendizagem dos alunos e alunas.

Nessa lógica, além da mobilidade acadêmica, surge a concepção de internacionalização em casa (IaH) como uma possibilidade de propiciar a todos e todas estudantes, sejam eles locais ou estrangeiros, experiências de formação alicerçadas nos processos de internacionalização da educação superior, uma vez que todo corpo discente se encontra fazendo parte dos processos e efeitos da globalização e da Sociedade do Conhecimento. (MOROSINI; USTÁRROZ, 2016).

Seus propósitos são oportunizar perspectivas globais a todo corpo discente, incluindo estudantes locais e estrangeiros de diferentes origens/culturas; integrar os componentes da internacionalização sistematicamente em todo currículo; inserir perspectivas internacionais e/ou interculturais em todo sistema avaliativo do currículo

formal; fortalecer o aprendizado através do currículo informal na construção de uma internacionalização mais ampla; valorizar as experiências e conhecimentos dos estudantes locais, de diversas origens, e internacionais de diversos locais. Além disso, visa ainda fomentar o envolvimento estudantil com culturas outras presentes em seu próprio contexto; para além do currículo, incluir ainda toda comunidade acadêmica como alunos e alunas, professores e professoras, técnicas e técnicos administrativos e setores de apoio; incluir, ou não, o ensino de línguas estrangeiras; prever a mobilidade virtual/digital e propiciar as trocas estudantis entre os sujeitos locais e internacionais, independentemente da presença desses últimos no campus. (BARANZELLI, 2019).

Desta maneira, a internacionalização em casa (IaH) toca em tudo – desde o currículo acadêmico, às interações entre estudantes locais, estudantes internacionais e professores e professoras – para o cultivo de objetos de pesquisa com foco internacional e para o uso da tecnologia digital. Mais importante, concentra-se em todas e todos os estudantes que colhem os benefícios do ensino superior internacional e não apenas aqueles e aquelas que praticam a mobilidade acadêmica.

À vista disso, a partir dos modelos de internacionalização expostos, finalizo com a reflexão de Marcelino *et al.* (2018) sobre a importância de que as universidades almejem formar indivíduos que tenham condições para que, além de se inserirem no mundo, sejam ainda sujeitos atuantes e transformadores sociais, aproximando-se de Freire (2002) em sua concepção da educação como prática de liberdade, no qual o diálogo é fundamental para a viabilidade do encontro com o outro, o aprendizado entre si e o respeito às diferenças. Isto é, através a internacionalização do currículo (IoC), da mobilidade acadêmica e da internacionalização em casa (IaH), as universidades podem (e devem) buscar o desenvolvimento dos sujeitos para que estes se tornem seres humanos atentos ao diverso e ao entendimento de seu entorno, mas munidos de certa perícia para transformarem seu cotidiano sem deixar de observarem os impactos de suas ações na existência do outro e da sociedade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização do Ensino Superior; Internacionalização do Currículo; Mobilidade Acadêmica; Internacionalização em Casa.

REFERÊNCIAS

BARANZELI, Caroline. Modelo de internacionalização em casa. In: MOROSINI, Marília Costa. (Org.). **Guia para a Internacionalização Universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 187-202.

COWEN, Robert. The transfer, translation and transformation of educational processes: and their shape-shifting? **Comparative Education**, v. 45, n. 3, p. 315-327, 2009.

DUARTE, Newton. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUIMARÃES, Maurício; SILVA, Maria Cristina Madeira da. As políticas de educação tecnológica para o Brasil do século XXI: reflexões e considerações do Sinasefe. In: MOLL, Jaqueline (Org.) **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil Contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 141-158.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v.8, n.1, p. 5-32, 2004.

LEASK, Betty. **Internationalizing the Curriculum**. New York: Routledge, 2015.

MARCELINO, Jocélia Martins *et al.* A internacionalização do currículo para a melhoria da qualidade da educação superior. In: Fórum da Gestão de Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa, 8, 2018. **Anais...** Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, 2018. Disponível em: <http://www.aforges.org/8-conferencia-forges/>. Acesso em: 8 jan. 2020.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124. 2006.

MOROSINI, Marília Costa; USTÁRROZ, Elisa. Impactos da internacionalização da educação superior na docência universitária: construindo cidadania global por meio do currículo globalizado e das competências interculturais. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 7, p. 35-46, set./dez. 2016.

MOROSINI, Marília Costa. (Org.). **Guia para a Internacionalização Universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019b.

SADLAK, J. Globalization and concurrent challenges for Higher Education. In: SCOTT, P. (Org.) **The globalization of Higher Education**. Buckingham: Open University Press, p.100-107, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUZA, Juliana de Fátima. Internacionalização da educação superior: entre conceitos e contextos. In: VIANNA, Rachel de Souza; LARANJEIRA, Delzi Alves (Orgs.). **Internacionalização do ensino superior: concepções e experiências**. Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 24-35.